



ARTIGOS



A mulher como “sujeito visível” no ato inicial da vacinação contra Covid-19:

estratégias governamentais de
comunicação e as contradições do
Estado em relação à segurança

Pedro Farnese, Universidade Paulista / IF Sudeste MG

Janete Monteiro Garcia, Universidade Paulista (Unip)

Carla Montuori, Universidade Paulista (Unip)

Paolo Demuru, Universidade Paulista (Unip)

Resumo. O estudo tem por objetivo analisar as valências simbólicas em sites governamentais de cinco estados durante atos iniciais de vacinação contra Covid-19, sendo a mulher figura central. Estes locais apresentaram maiores índices de feminicídio nos últimos 11 anos, o que nos leva a discutir as contradições entre o mundo encenado e o mundo real. Sob a ancoragem da semiótica de Greimas, percebemos a representação feminina como sujeito social “frágil”, sendo o Estado o “Pai-Provedor”, em contraste com dados que mostram um “estado ausente”.

PALAVRAS-CHAVE: Visibilidade Midiática. Pandemia. Semiótica. Interseccionalidade.



Introdução

Em um contexto de crise sanitária e vulnerabilidade humana deflagrada pela pandemia do novo Coronavírus, reconhecida em março de 2020 pela Organização Mundial de Saúde (OMS), a descoberta de imunizantes em tempo recorde representou uma conquista da Ciência, mas também foi vista como uma oportunidade para organizações governamentais, notadamente Prefeituras e Estados, angariarem capital simbólico, principalmente em relação a temas considerados “politicamente corretos”, dentre os quais o da mulher ganhou um lugar de destaque (BOURDIEU, 1987, 1989, 2011)¹.

O Brasil inaugurou a aplicação de imunizantes no dia 17 de janeiro de 2021, imediatamente após a autorização em caráter emergencial pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). A partir da decisão, os governos estaduais, que constitucionalmente têm a função de distribuir as doses para as cidades organizarem sua aplicação, iniciando uma verdadeira “corrida da vacina”.

Para além da urgência de saúde pública a fim de conter o avanço da doença, agentes políticos enxergaram neste contexto uma oportunidade de construir uma imagem de estado “eficiente”, que dá respostas rápidas às demandas sociais com planejamento e gestão. Com um olhar mais estratégico e atento às prerrogativas básicas que norteiam ações de comunicação organizacional, era possível ir além, afinal, o seu real significado e sua abrangência ultrapassam a visão reducionista linear e instrumental que normalmente se concebe sobre ela. É o que defende Kunsch (2020, p. 87) ao afirmar que o fazer comunicacional contemporâneo perpassa [...] novas demandas e exigências das quais as organizações vêm enfrentando na sociedade atualmente, que passa por constantes transformações sociais, econômicas e políticas.

O estado de São Paulo saiu na frente. Minutos após a aprovação da Anvisa, sob os holofotes de toda a imprensa brasileira, outra representação também se configurava: uma mulher foi a escolhida para receber a primeira dose. Chamada a manifestar seu sentimento por se tornar a figura central do momento, a enfermeira Monica Calazans, de 54 anos, reforçou sua posição como mulher negra, suburbana e que acredita na ciência (ADORNO, 2021).

¹ O conceito de capital simbólico aparece na obra de Pierre Bourdieu. No campo político trata-se de uma espécie de capital de reputação, um capital simbólico ligado à maneira de ser conhecido (BOURDIEU, 1989).



A utilização desta personagem e a ênfase de suas falas representativas nas estratégias de divulgação empreendidas pelo governo estadual nos chamou a atenção. Esta tática se tornava recorrente em outros estados, nos dando pistas em relação ao uso da imagem da mulher para inaugurar as campanhas de vacinação.

Ao mesmo tempo em que a mulher ganha a centralidade do espaço público a partir desta prontidão do Estado, um outro dado vai em antítese a este cenário: o estado que “cuida” e “reconhece” a sua importância na sociedade, também é o que deixa essa mesma população carente de ações efetivas que visam coibir a violência contra elas. Foi o que revelou o Atlas da Violência, divulgado em agosto de 2021. Boa parte das unidades federativas registraram aumento no número de morte de mulheres nos últimos 11 anos (2009-2019) (JUCÁ, 2021).

São cinco estados que apresentaram maior índice de feminicídio, a saber, São Paulo, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Ceará. Tal contexto nos levou a buscar, junto aos sites dos governos estaduais e prefeituras de capitais, se a mulher foi protagonista das campanhas de vacinação e, a partir dessa constatação, buscamos entender qual o perfil da imagem feminina prevaleceria nessas iniciativas e quais os efeitos de sentido poderiam trazer junto ao público.

Ao analisar todos estes dados sob a luz da semiótica greimasiana (GREIMAS, 1984, 2008), buscamos imbricações importantes sobre as polifonias que emergem ao compararmos um discurso construído, quando o Estado “valoriza” o papel da mulher na sociedade brasileira, ao utilizá-la como protagonista de estratégias de comunicação para exaltação de sua imagem-conceito²; e o que de fato se verifica em relação às estatísticas do mundo real com respeito às vulnerabilidades das mulheres no quesito da segurança e a efetividade do poder público frente ao problema.

Com a verificação da linguagem verbal e imagética, foi possível apontar para a representação da mulher como sujeito social “fraco” ou “dependente” do Estado, que se configura como “Pai-Providor”, ou “Protetor”, capaz de proporcionar o “bem-estar” individual e coletivo, em particular o público feminino, sendo as mulheres pretas o alvo de toda a encenação.

² “constructo simbólico, complexo e sintetizante, de caráter judicativo/ caracterizante e provisório realizada pela alteridade (recepção) mediante permanentes tensões dialógicas, dialéticas e recursivas, intra e entre uma diversidade de elementos-força, tais como as informações e as percepções sobre a entidade (algo/alguém), o repertório individual/social, as competências, a cultura, o imaginário, o paradigma, a psique, a história e o contexto estruturado” (BALDISSERA, 2009a, p. 138).



A complexidade da comunicação organizacional

Nos dias atuais, gerir relacionamentos de uma organização é condição *sine qua non* para a expansão e consolidação da sua imagem junto ao público. Na esfera pública governamental, as imbricações entre os interesses e objetivos de uma “Política de Estado” e “Políticas de governo” tornam a definição de estratégias de comunicação ainda mais complexas. De acordo Lima *et al* (2019) a primeira versa sobre aspectos da sociedade, a partir dos pressupostos da Constituição Federal. Já a outra tem alta vinculação com chefes de poder executivo, visando atender situações como atendimento de promessas de campanhas e oportunidades que ensejam ganhos políticos.

Segundo Bratosin e Tudor (2021, p. 26), o espaço público é, por excelência, o “espaço simbólico da comunicação pública e política, cujo modo de funcionamento repousa sobre a simultaneidade da publicização do político e da politização do público”. Eles afirmam que esta compreensão requer um olhar atento sobre a amplitude dos fenômenos globais recentes, que trazem consequências profundas para as experiências vivenciadas, “como a reprodução das *fake news*, a emergência de novas formas de militância transnacional ou a proliferação (por meio das crises sanitárias, ecológicas, culturais etc.) de fragilidades e vulnerabilidades que contrariam a ordem dos poderes e valores que se dizem democráticos” (BRATOSIN e TUDOR, p.10).

De acordo com Baldissera (2009b) pode-se dizer que todo ato comunicacional é incerto e provisório, contudo, produz efeito. Assim, por mais que haja intenções na produção de mensagens pela organização, não há garantias de que os significados construídos pelas pessoas serão os mesmos que a organização, em âmbito formal (produção), desejou e idealizou. O autor define, então, comunicação organizacional como processo de construção e disputa de sentidos.

Parece mais fértil pensar a Comunicação Organizacional em sentido complexo, seja para assumir a incerteza como presença, para respeitar e fortalecer a diversidade (possibilitar que se realize/ manifeste), fomentar lugares de criação e inovação, potencializar o diálogo e os fluxos multidirecionais de comunicação, reconhecer as possibilidades de desvios de sentidos e compreender a alteridade como força em disputa de sentidos, dentre outras coisas (BALDISSERA, 2009b, p. 120).

Atentando-se para o fato de que qualquer informação ou movimento pode assumir visibilidade instantânea (THOMPSON, 2008),



mesmo quando não é desejada, podemos indicar que as organizações precisam estar atentas a todo o processo de produção e prestação de serviços. Não basta marcar presença no mundo virtual. Importam as representações que lá estão ofertadas, particularmente quando se pensa que as mesmas interferem nas percepções que os públicos têm e, em alguma medida, influenciam na construção/ acumulação de capital e poder simbólicos.

Gênero, raça e interseccionalidades

O gênero para Araújo (2011, p.3) “traz à luz os processos da história humana das diferenças biológicas (macho/fêmea)”. O autor segue na tentativa de revelar como essas diferenças foram sendo ajustadas nos discursos pela força e poder. Nesse aspecto, explica que tais “representatividades de papéis sociais dos corpos sexuados [...] reproduzirão, historicamente, relações desiguais baseadas nas diferenças percebidas desses corpos marcados por sua biologização” (id, ib.). Quando se trata de “corpos negros” tal desigualdade se acentua ainda mais como veremos ao longo deste estudo.

Trazendo para o aspecto da interseccionalidade, a pesquisadora Kimberlé Crenshaw (2002, p. 177) aborda este conceito sob a ótica que visa capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Desse modo, o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros tantos sistemas discriminatórios ocasionam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras.

Betty Friedan (1971) foi uma das principais precursoras do assunto, no entanto, suas ideias diziam respeito a um determinado grupo de mulheres, que conforme apontam os estudos de hooks (2015) “são brancas, casadas, com formação universitária de classe média e alta” (p. 193-194), não compreendendo a interseccionalidade como um todo. Na publicação “Mulheres negras: moldando a Teoria Feminista” (2015), hooks faz críticas à Friedan, alertando que ela “ignorou a existência de todas as mulheres não brancas e das brancas pobres, e não disse aos leitores se era mais gratificante ser empregada, operária [...] do que ser dona de casa da classe abastada” (hooks, p. 194).

Para hooks (2015), o discurso feminista dominante e praticado por mulheres brancas na contemporaneidade segue a mesma prédica de



Friedan, não deixando claro, porém, “até que ponto suas perspectivas refletem preconceitos de raça e classe, embora tenha havido uma consciência maior sobre esses preconceitos nos últimos anos” (hooks, p. 195).

Diante desses desafios, um conceito trabalhado e debatido pelo feminismo nos últimos anos, inclusive por hooks (1984), é o da sororidade. Segundo de los Rios (2006) trata-se de “uma experiência subjetiva entre mulheres na busca por relações políticas e saudáveis, na construção de alianças [...] para contribuir com a eliminação social de todas as formas de opressão e ao apoio mútuo para alcançar o empoderamento vital de cada mulher” (p. 123). Tal noção, de acordo com Machado, Schons e Dourado (2019) “recebe críticas por ser entendida como um conceito que tende a universalizar a noção de mulher, como se não houvesse diferença de classe, raça, etnia e orientação sexual, por exemplo, entre elas” (p. 239).

Ao acionar hooks (1984), os autores entendem que “essa concepção foi baseada em um feminismo branco e burguês, um programa que ela caracteriza ser “falso e corrupto”, que mascara e confunde a realidade diversa e complexa das mulheres” (p. 239). Sendo assim, hooks reconhece que a “opressão sexista” está intrinsecamente atrelada à “racista”, se tornando mais forte nesse quesito. Por isso, a feminista “prefere referir-se à sororidade não como “apoio” entre mulheres, mas como uma “aliança” entre elas que deve considerar o entrelaçar de gênero, raça e classe” (MACHADO, SCHONS E DOURADO, 2019, p. 239).

Metodologia e seleção de amostra para análise

O *corpus* de análise deste estudo foi constituído a partir da visita em cada um dos sites de governos estaduais e prefeituras das capitais dos cinco estados que apresentaram aumento no número de morte de mulheres em 11 anos, de acordo com o Atlas da Violência: São Paulo, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Ceará. O recorte temporal compreende o período em que estes agentes políticos promoveram solenidades para marcar o início da campanha de vacinação, de 17 a 21 de janeiro de 2021, cuja centralidade, como dissemos anteriormente, residiu no protagonismo feminino.



O quadro 1 aponta a divisão de mulheres vacinadas por raça e suas condições. Vale lembrar que as primeiras doses aplicadas no país foram direcionadas para profissionais de saúde e idosos.

Quadro 1: Características das personagens

| Estado | Raça | Profissão / Condição |
|----------------|----------------------|---|
| São Paulo | Uma mulher negra | Enfermeira |
| Pernambuco | Uma mulher negra | Técnica em Enfermagem |
| Bahia | Duas mulheres negras | Uma enfermeira Uma idosa institucionalizada |
| Rio de Janeiro | Duas mulheres negras | Uma Técnica em Enfermagem Uma idosa institucionalizada |
| Ceará | Uma mulher parda | Técnica em Enfermagem |

Fonte: Elaboração dos autores

Os dados estatísticos mostram que das sete mulheres que receberam as primeiras doses, seis eram negras (85,7%) e cinco (71,4%) eram profissionais de saúde, sendo todas da área de enfermagem. O cruzamento dos dados apresentados nos leva a questionar como estas unidades da federação que atuam como “protetor da mulher” colocando-a em evidência, não dão a mesma atenção quando se refere à segurança dela em relação à violência. Isto caracteriza uma espécie de contradição, que segundo Greimas e Courtés (2008, p. 98) representa a “relação existente entre dois termos da categoria binária asserção/negação”.

As personagens foram expostas de formas distintas, com o objetivo de modular e criar um discurso político-institucional. Tais



polifonias, a partir das imagens veiculadas nos canais oficiais destes governos, foram reveladas utilizando como metodologia a análise do discurso e os conceitos de semiótica plástica e figurativa (GREIMAS, 1984, 2008),

Dada a manifestação insistente de determinados traços observados no material analisado, uma das definições mais acionadas para a compreensão do objeto de estudo são as isotopias que podem ser: plástica-figurativas e temáticas presentes nas imagens. Uma isotopia temática, segundo Fiorin (2016, p. 112), é a reiteração de valores semânticos específicos em uma narrativa, fixados por meio de figuras e/ou formantes plásticos do plano da expressão.

Por sua vez, as figuras são os elementos do “mundo natural” ou de uma “visão de mundo”, cujo sentido é validado dentro de um universo sociocultural onde estão inseridas, como, por exemplo, o céu, o mar e assim por diante (GREIMAS E COURTÉS, 2008, p. 324). Os formantes plásticos são compostos por categorias como eidética (curvos *vs* reto.), cromática (vermelho *vs* azul) e topológica (alto *vs* baixo). Tanto as figuras, quanto os elementos plásticos possibilitam a interpretação da imagem, estabelecendo correlações entre os dois planos da linguagem, neste caso, a verbal e visual. São para Greimas (1984, p.21) “sistemas reconhecidos [...] constituem linguagens e, portanto, estão longe de serem triviais”.

De outro modo, o conceito de isotopia indica a interatividade e a recorrência de um ou mais traços distintivos, seja do plano da expressão, seja do plano do conteúdo, garantindo, desta forma, a coerência e a homogeneidade do texto. São três tipos: temáticas, que reiteram valores semânticos (a vida, a morte, a saúde, a doença, etc.); figurativas, que tangem à repetição de uma ou mais figuras (a seringa, a cruz, o caixão, a pomba, etc.); e plásticas, que insistem na reprodução de determinados traços cromáticos (verde, amarelo, rosa, azul, etc.) e topológicos (alto, baixo, esquerda, direita, no centro, etc.).

Os valores semânticos profundos manifestados por traços ou isotopias figurativas e/ou plásticas podem ser dispostos – conforme o *corpus* analisado – ao longo dos polos que constituem aquilo que Greimas e Courtés definem “categoria tímica” (2008, p. 505). Trata do “humor” e do “tom afetivo” empregado em um determinado semantismo, podendo conotar um traço semântico como “eufórico” e outro como “disfórico” caracterizando, assim, a sua valorização positiva e/ou negativa.



Tais concepções dão luz à análise aqui proposta. Os governos, de forma estratégica, aproveitando-se da narrativa da fragilidade, buscaram construir a própria imagem de um Estado “paterno”, “provedor” e “protetor”, que acolhe todos. Tais simbolismos nos importam em particular, ao considerá-los parte fundamental no fluxo da engrenagem das estratégias de comunicação e visibilidade midiática.

O “Pai Protetor” na figura do estado

O “estado protetor” como sujeito “patriarcal” de fato não está preocupado com a causa das mulheres e, sim, na vantagem e “boa visibilidade” que pode obter “abraçando” as pautas relacionadas a elas (LANDOWSKI, 1992, p. 86). Isto posto, começamos as explanações pelo Estado de São Paulo, que foi o primeiro a realizar a vacinação contra a covid-19. Na figura 1, estão presentes o governador João Dória, a enfermeira Mônica Calazans, a primeira brasileira vacinada e a profissional que aplicou o imunizante.

Figura 1: Ato de vacinação no Estado de São Paulo



Fonte: Governo do Estado de São Paulo (2021)

A cromática verde no *backdrop* engloba toda a imagem, apontando que esta é uma ação do governo do estado em parceria com o Instituto Butantan, podendo a cromática em questão simbolizar a esperança de pôr fim às mortes causadas pela covid-19. Esse sentimento construía de certa forma a figura do “herói”, tão almejada por políticos



brasileiros, podendo representar aquele que traria a solução para a crise sanitária ainda em vigor. O herói surgido para salvar e proteger os “fracos”, como a mulher preta que, não por obra do acaso, foi escolhida para figurar esse momento.

Obedecendo as regras das análises topológicas (posições), a postura ereta de Dória (em pé) sem dizer nada, aparenta um ar de superioridade, daquele que “está situado mais alto ou acima do outro” e dessa forma “se dirige aos demais” (GREIMAS, 1984; HOUAISS, 2009, p. 1791) principalmente se o sujeito da relação for, em qualquer esfera, a mulher; nesse mesmo ato ele olha para baixo na direção de Calazans, que está no centro da foto, passando a impressão de que o estado lhe assegura a devida atenção ou “proteção”. Tal estratégia de marketing durante o lançamento da campanha de vacinação, redundava numa “campanha antecipada de Dória à presidência da República” (SINGER, 2020).

A primeira mulher vacinada “roubou” a cena no papel de representatividade que a ela concederam. A camiseta do governador traz a bandeira do Brasil que denota sua preocupação para além dos interesses do estado. Outra reflexão a ser feita é a respeito de outra actante na imagem, ou seja, a mulher branca que aplica o imunizante. Um adendo para explicar que actante em Greimas e Courtés (2008, p. 20) significa exatamente “aquele que realiza ou que sofre o ato [...] são seres ou as coisas que, a um título qualquer e de um modo qualquer, ainda a título de meros figurantes e da maneira mais passiva possível, participam do processo”.

Ela está encurvada e, mesmo sendo uma postura mais apropriada para a aplicação, pode ser entendido como, independente do espaço conquistado, a mulher na sociedade vigente sempre estará abaixo da posição ocupada pelo homem, estando ambas em posições inferiores a Dória. A autora bell hooks (2015) já refletia acerca da superioridade da mulher branca sobre a negra e Saffioti (2011, p. 79) também complementa a ideia de que “dependendo das condições históricas vivenciadas, uma destas faces estará proeminente, enquanto as demais, ainda que vivas, colocam-se à sombra da primeira”.

Na Bahia, uma das primeiras mulheres vacinadas foi uma idosa (Figura 2). Ela parece ser uma paciente acamada, dada a vestimenta que usa, no entanto, mesmo diante dessa condição, ela não foi poupada da exposição, o que reforça a estratégia de comunicação dos homens que agem de maneira “politicamente correta”. Circundada por homens,



encontra-se sentada numa cadeira de rodas pendendo o corpo e a cabeça para o lado esquerdo, como se fosse sucumbir diante das câmeras e dos que estão ao seu redor.

Figura 2: Idosa sendo vacinada no estado da Bahia



Fonte: Governo do Estado da Bahia (2021)

Tanto no plano da expressão, quanto do conteúdo, essa posição topológica abaixo fortalece implicitamente o sentido de inferioridade da personagem. O Secretário de Saúde do Estado, Vilas-Boas, que também é médico, está em primeiro plano e mais visível na imagem. Ele representa socialmente duas posições elevadas, diferindo em tudo nesses aspectos da vulnerabilidade manifestada na mulher. Assim, usando as modalidades do *saber e poder*, o representante do poder público aplica o imunizante, numa atmosfera que atravessa, conforme Landowski (1992, p. 85), o domínio da ‘vida privada’ para o da ‘vida pública’, garantindo sobre si os holofotes e “visibilidade” neste momento.

Outro ponto relevante é a cromática composta por tons de azul, branco e cinza, tanto nas roupas dos participantes em questão, quanto no painel ao fundo e na caixa de vacina. Tais cores convergem com a ideia de que atores estão alinhados um mesmo propósito, que é resguardar a vida dos baianos, a começar pelas mulheres, tidas como mais “frágeis” e, portanto, as mais necessitadas da atenção do estado, como “pai provedor” ou “protetor”. Eideticamente, o envergar do secretário para aplicar o imunizante, o aproxima da idosa que serve como trampolim para atingir os interesses em disputa.



Em Pernambuco, ao fazer um comparativo com o que dissemos anteriormente, as fotografias publicadas no Portal da Prefeitura de Recife e do Estado (Figuras 3 e 4) são parecidas, mas diferem no ângulo e nos atores mostrados, de acordo com a estratégia política e comunicacional de cada governo.

Figura 3: Ato de vacinação retratado pela Prefeitura de Recife

Fonte: Portal da Prefeitura de Recife, 2021



Figura 4: Ato de vacinação retratado pelo Governo de Pernambuco



Fonte: Secretaria Municipal de Saúde do Recife, 2021.

Na Figura 3, divulgada pelo poder público municipal, o plano é médio (de meio corpo) e está mais fechado na mulher. O *backdrop* com a



propaganda do governo não mostra o nome do Estado, apenas “Contra a Covid” e “estadual,” possivelmente para tirar o foco do poder público estadual. Ao lado direito da personagem estão “cortados” a Vice-Governadora Luciana Santos, que também é uma mulher negra, e neste contexto consolida a narrativa construída; e o Secretário de Saúde, André Longo.

Já na imagem disponibilizada no Portal do Estado, é evidente o *slogan* “Pernambuco vacina contra a Covid”, sendo reforçado com a palavra “estadual” abaixo. Na fotografia em plano mais aberto. A mulher está sentada e ladeada por dois homens – o governador Paulo Câmara e o Secretário de Saúde - mostrando literalmente, para não deixar dúvida, quem está “provendo” a vacina. Em uma região mais periférica da imagem, em ambos os lados cortadas, aparecem duas outras mulheres. Esse recorte pode trazer a impressão da pouca importância do sujeito feminino, representando que elas não devem aparecer mais do que os provedores da benesse; confirmando, sobretudo, a análise de que a mulher, de fato, não é a prioridade e atua neste processo como coadjuvante ou no mínimo, contradiz a proposta.

No Ceará, diferente de todas as análises anteriores, a profissional da saúde vacinada na ocasião está em pé, embora sua estatura física seja mais baixa do que os demais actantes na imagem. Percebe-se que a foto publicada no *site* da Prefeitura (Figura 5) aparece o nome do Estado meio cortado, e na fotografia divulgada pelo Governo do Estado (Figura 6), esses dizeres estão destacados na parte superior do *backdrop*.

Figura 5: Ato de vacinação registrado pela Prefeitura de Fortaleza



Fonte: Prefeitura de Fortaleza (2021).



Figura 6: Ato de vacinação registrado pelo Governo do Ceará



Fonte: Governo do Estado do Ceará (2021).

As cores em destaque são o rosa, que no “mundo natural” está atrelada à figura da mulher; e a seringa com o líquido que assegura a vida, é representada pela cor azul, atribuída ao homem (GREIMAS E COURTÉS, 2008, p. 324). Ou seja, a mulher recebe o benefício (a vacina) e quem provê é o homem, o Estado, ou “pai provedor”.

Nas camisas usadas por todos que estão na fotografia, é possível perceber na estampa um coração onde está escrito: “Nossa prioridade é salvar vidas”. O uso dos termos “prioridade” e “salvar vidas” condizem com a estratégia política e midiática de que a mulher tem atendimento prioritário e, principalmente o governo municipal, deixa explícito na linguagem verbal que zela pela vida dela. Temática e figurativamente, essas características passam a noção de que o Estado e seus representantes defendem a causa da mulher.

Duas questões importantes são iluminadas à luz do objeto semiótico: na figura 5, uma mulher aplica a vacina. Nesse aspecto, intenta mostrar que ambas são “valorizadas” como mulheres, cada uma em seu papel, a que dá e a que recebe. Já na figura 6, vemos um homem, encenando a aplicação do imunizante. É a consolidação do que temos dito: nesse ponto, o “estado”, que linguisticamente trata-se de uma palavra do gênero masculino, está sendo representado também figurativamente na imagem do masculina; implicitamente ao mesmo tempo que intencionalmente o fato configura uma manipulação. Tal “ação de um



homem sobre outros homens” representa uma forma de dominação sob o viés da “sedução” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 300-302; FIORIN, 2016, p. 30).

Em outras palavras, significa que o sujeito manipulador “leva a fazer manifestando um juízo de valor sobre a competência do manipulado” (FIORIN, 2016, p. 30). De fato, reforça o sentido de que a mensagem teve o poder de manipular tanto a mulher, que pode ter acreditado que é importante e tem prioridade, quanto o público que tem acesso ao conteúdo.

No Estado do Rio de Janeiro, além da mulher, símbolos religiosos também foram explorados.

Figura 7: Ato de vacinação registrado pela cidade do Rio de Janeiro



Fonte: Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, 2021.

Figura 8: Ato de vacinação registrado pelo Governo do estado do Rio de Janeiro



Fonte: Secretaria Estadual de Saúde do Rio de Janeiro, 2021.

Nesta paisagem não se vê explicitamente a propaganda dos governos, pois o quadro é mais emblemático do que seria qualquer outra montagem ou painel ao fundo. Na figura 7, tanto a idosa, quanto a profissional de saúde, aparecem em primeiro plano, estando centralizadas e aos pés da Estátua do Cristo Redentor, que é mostrado parcialmente.

De modo distinto ao que se apresentou até agora, não existe a figura explícita de nenhum representante do estado junto com elas, revelando, nesse caso, uma estratégia política e midiática mais eficaz de “valorização” que se pretende dar à mulher. Na figura 8, o enquadramento é mais aberto, mostrando outra personagem vacinada nesta ocasião. Nesta exposição, vemos holofotes e diversas pessoas registrando o momento com seus celulares. Elas aparecem à frente e ao mesmo tempo abaixo do Cristo Redentor, que parece dar um abraço simbólico em todos os envolvidos na cena, mas principalmente nas protagonistas.

O evento mistura ainda os aspectos de religiosidade, como se Cristo abençoasse as pessoas nesse novo ciclo em que a vacina foi descoberta e começa a ser ministrada. Nas cromáticas das duas fotografias prevalecem o rosa, o branco e o azul nas roupas, na imagem de Cristo do céu no horizonte. Estes últimos elementos combinam com os princípios e ideologia político-religiosa de quem está no poder no governo fluminense nos últimos anos (BRASIL DE FATO, 2020).

Um olhar mais sensível (ou atento) para as interseccionalidades



As estratégias observadas ao longo de toda a análise mostram que os direcionamentos dados pelos governantes, muitos deles, implícitos, “não são inocentes”, como diz Landowski (2012, p. 15). Esta compreensão serve como base para a sequência deste tópico, do qual entraremos mais a fundo nas questões de interseccionalidade.

De acordo com as análises, existem alguns elementos que podem comprovar uma intencionalidade do ato por parte dos governos como forma de “tirar vantagem”, provocando outros efeitos de sentido acerca da escolha das actantes para figurar este momento, tanto com relação às mulheres negras, como as profissões acionadas, conforme está demonstrado no Quadro 1.

Parece-nos intencional o fato de 85,7% das escolhidas para serem vacinadas eram mulheres negras. Para exemplificar melhor este pensamento, recorreremos novamente às categorias de Greimas (1984), em particular, a topológica (baixo *vs* alto, superior *vs* inferior, esquerda *vs* direita) que, como conceito metodológico, foi sucessivamente acionado em todas as imagens e casos, deixando claro que a mulher é submissa, embora a ideia principal dos governantes era outra, ou seja, da “visibilidade” de “atenção” ou “prioridade” (FIORIN, 2016, p. 112; LANDOWSKI, 1992). Estas iniciativas podem representar, também, o que Greimas estabeleceu como “contrato semiótico” ou de “veridicção”, na tentativa de acentuar a ideia de que a mulher é assistida e que esse discurso é verdadeiro (GREIMAS, 2014, p. 115). Quando se trata da mulher negra, a questão é ainda mais sensível, porque ela representa as “minorias das minorias”, sendo colocada numa escala inferior à da mulher branca.

No caso da primeira mulher vacinada em São Paulo isso está bem real. Segundo Saffioti (2011, p. 79), “dependendo das condições históricas vivenciadas, uma destas faces estará proeminente, enquanto as demais, ainda que vivas, colocam-se à sombra da primeira” (p. 79). Em outras palavras, “será uma outra faceta a tornar-se dominante”. Traz à tona o mesmo pensamento das condutas escravocratas em que a mulher branca dominava sobre a negra e ambas eram dominadas pelo senhor do engenho. Parece um tratado do sistema patriarcal que, de tempos em tempos, é ressignificado, persistindo em manter nas práticas cotidianas a desigualdade, o sexismo e o racismo.

A reflexão está em concordância do que disse Gonzáles (1984, p.44) acerca da mulher negra que sofre muitas vezes um preconceito



velado, sujeita a “tríplice de discriminação”, incluindo de raça, de classe e de sexo, sendo colocada no mais “baixo nível de opressão”.

Outro ponto importante a ser ponderado diz respeito ao cargo das primeiras mulheres vacinadas que, de acordo com os dados estatísticos, 71,4% são da área de enfermagem. O relatório da Organização das Nações Unidas (ONU-MULHERES, 2020), converge com o nosso objeto de análise e mostra que 70% das profissionais que trabalham na área de saúde são mulheres. De acordo com a Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (PNAD), “a participação das mulheres supera a dos homens em algumas profissões culturalmente identificadas como ‘femininas’ e predominam no magistério, nas enfermarias e na assistência social” [...] Todas são profissões que implicitamente estão atreladas à ideia de que o “cuidado do outro”, é incumbência da mulher” (PNAD Contínuo, 2018).

A análise topológica nos mostra que estes encargos estão inscritos na esfera ou grau inferior (não superior), sendo manobrados nas estratégias de comunicação pelos poderosos que Landowski (2012, p. 5-25) denomina de “grupos detentores do poder” — em seu arcabouço teórico da assimilação, admissão, segregação e exclusão. Se as mulheres são num todo tornadas como inferiores nos discursos da política e mídia, àquelas que sofrem preconceito racial são ainda mais atingidas.

Nas imagens, esses fatos se confirmam na posição das mulheres (ou as mulheres brancas estão aplicando a vacina em outras, que são pretas) ou elas acompanham homens brancos, enquanto a negra é vacinada. Em toda essa escala hierárquica, a mulher preta figura a maior (des) vantagem, tal como descrevem Biroli e Miguel (2015, p. 39). Em suma, como deliberam os autores, “mulheres negras não existem”. No discurso da vacina encenam o papel de protagonista, mas no sentido disfórico, deixando fragilidades expostas. Nesse cenário da vacina contracenam com os efeitos do racismo, da “dominação pelo olhar do dominador” (BIROLI, MIGUEL, 2015, p. 39).

Assim, não está excluído o fato de que a mulher, no geral, sofre preconceito de toda ordem, mas a mulher preta é ainda mais afetada por carregar um fardo que se arrasta histórica e socialmente, simbolicamente prescrito nos elementos disponíveis na análise das linguagens verbal e imagética.

Considerações Finais



Em um mundo cada vez mais conectado e ubíquo, a comunicação organizacional tem um papel crucial para o envolvimento e engajamento que, por meio do entendimento e conhecimento dos públicos envolvidos com a organização, constroem ações planejadas para conquistar a compreensão e aceitação públicas.

Buscamos compreender como a diversidade de relações permeiam discursos de agentes de estado, que utilizaram a pandemia para traçar estratégias de comunicação a partir de possibilidades que podem ser construídas e desconstruídas em um contexto político dinâmico e interativo no que tange às questões de gênero.

Nos cinco estados analisados, a estratégia estava bem clara: a construção de discursos em que a mulher negra assume a centralidade. Não por acaso, o IBGE (JORNAL NACIONAL, 2022) anunciou que nos últimos dez anos houve um aumento de 32% de pessoas que se autodeclararam pretas. Seria, então, uma forma de reconhecer a sua importância na sociedade e limar, de vez, a desigualdade racial e o racismo estrutural resultantes de anos de escravidão no Brasil?

Definitivamente não. Sob olhares semióticos, as campanhas de vacinação, ao mesmo tempo em que dão visibilidade para o Estado e seus agentes públicos, colocando as mulheres no “centro” dos discursos políticos e midiáticos; também demonstram quão “frágil” se considera esse perfil na sociedade e como elas são usadas para reforçar a imagem do “homem forte” e a visão paternalística do “pai-provedor”.

Discursos não são apenas palavras, mas linguagem, atos que têm significado e devem ser considerados a partir de um dado contexto. O “mundo ideal” construído pelos agentes políticos, demonstrando um “estado presente”, contrasta com o “mundo real”, quando toda a população está diante de uma crescente onda de violência, em uma clara demonstração de “estado ausente”.

Tendo em vista este cenário contemporâneo acerca das relações de gênero, comunicação organizacional e política, algumas problematizações para reflexão emergem: por que gênero ganhou esta centralidade política? Que atores sociais estão nesta disputa? Que elementos foram importantes para o desencadeamento destas ações e reações? Que papel a sociedade tem assumido neste embate? Onde e como estas mulheres têm buscado participação e representatividade em sua diversidade? O que mudou nos últimos anos: a educação, a política, as



mulheres? As considerações finais reportam-se mais a questionamentos que a respostas conclusivas.

Certeza mesmo é o revés da justificativa de César, ditador absoluto ou pretor máximo romano, no ano de 63 antes de Cristo, quando ele disse que não basta ser honesto, tem que parecer. No mundo em que a tecnologia nos vigia a toda hora, "não basta falar que faz", é preciso "fazer" e o público tem que "perceber e sentir".

Referências

ADORNO, L. Enfermeira de SP, negra e moradora de Itaquera é 1ª vacinada no Brasil. *UOL Notícias*, 17 jan. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/01/17/enfermeira-de-sp-negra-moradora-de-itaquera-e-1-vacinada-no-brasil.htm>. Acesso em: 10 fev. 2021.

AMADEI, J. R. P.; FERRAZ, V. C. T. *Guia para elaboração de referências*: ABNT NBR 6023:2018. Bauru, 2019. 54 p.

ARAÚJO, J. B. Gênero, sexualidade e identidades sexuais – um diálogo entre Joan Scott e Judith Butler. In: II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL – SIES. Gênero, direitos e diversidade sexual: trajetórias escolares, 2., 2011, Maringá. *Anais [...]* Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2011. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2011/121.pdf>. Acesso em: 02 out. 2021.

BALDISSERA, R.. A teoria da complexidade e novas perspectivas para os estudos de comunicação organizacional. In: KUNSCH, M. M. K. (org.). *Comunicação organizacional: histórico, fundamentos e processo*. v. 1. São Paulo: Saraiva, 2009a. p.135-164.

BALDISSERA, R.. Comunicação organizacional na perspectiva da complexidade. *Organicom*, São Paulo, v. 6, n. 10-11, p. 115-120, 2009b

BIROLI, F.; MIGUEL, L.F. Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades. *Mediações – Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 20, n. 2, p. 27-55, 2015. DOI 10543/2176. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/24124>. Acesso em: 1 out. 2021.



- BRASIL DE FATO. Cantor gospel, Cláudio Castro assume governo do Rio após afastamento de Witzel, *Brasil de Fato*, 28 ago. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/08/28/cantor-gospel-assume-governo-do-rio-apos-afastamento-de-witzel>. Acesso em 10 dez. 2020.
- BOURDIEU, P. *Choses dites*. Paris: Minuit, 1987.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- BOURDIEU, P. O Campo Político. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 5, p. 193-216, 2011.
- BRATOSIN, S.; TUDOR, M.H. *Comprendre la communication publique et politique: L'échiquier et sa tour de Babel*. Paris: L'Harmattan, 2021
- FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. 15^a. ed., 3^a impressão. São Paulo: Contexto, 2016.
- FRIEDAN, B. *Mística feminina*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, São Paulo, p. 223-244, 1984.
- GREIMAS, A. J. Semiótica figurativa e plástica. Significação: *Revista Brasileira de Semiótica*, São Paulo, n. 4, 1984. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/90477>. Acesso em: 1 out. 2021.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.
- GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido II: ensaios semióticos*. Tradução: Dilson F. da Cruz. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2014.
- HOOKS, b. Mulheres negras: moldando a teoria feminina. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 16, p. 193-210, jan./abr. 2015.
- HOOKS, b. Sororidade: solidariedade política entre mulheres. Teoria Feminista: da margem ao centro. In: SILVEIRA, H. I. B. Reflexão sobre questões de tradução da obra *Feminist theory from margin into center*, de Bell Hooks. *Dissertação* (Mestrado em Tradução) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/36735>. Acesso em: 17 out. 2018.
- JORNAL NACIONAL. Total de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas cresce no Brasil, diz IBGE, *Portal G1*, 22 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/22/total-de->



[pessoas-que-se-autodeclaram-pretas-e-pardas-cresce-no-brasil-diz-ibge.shtml](#). Acesso em: 30 jul. 2022.

JUCÁ, J. Maioria dos estados brasileiros registrou aumento no número de morte de mulheres em 11 anos, *CNN BRASIL*, 31 ago. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/majoria-dos-estados-brasileiros-registrou-aumento-no-numero-de-morte-de-mulheres-em-11-anos/>. Acesso em: 14 set. 2021.

KUNSCH, M. M. K. Comunicação organizacional integrada na perspectiva estratégica. In: FÉLIX, J. B. (org.). *Comunicação estratégica: a visão de renomados autores em cinco países*. Brasília, DF: Rede Integrada, 2020. p. 85-104.

LANDOWSKI, E. *Presenças do outro*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LANDOWSKI, E. *A sociedade refletida: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo: Educ/Pontes, 1992.

DE LOS RIOS, M.L. *Pacto entre mujeres sororidad. Aportes para el Debate*, n.1, p.123-135, 2006. Disponível em: <https://www.asociacionag.org.ar/pdfaportes/25/09.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.

LIMA, M.; MACIEL, S.; PAZOLINI, M. Políticas de Estado versus políticas de Governo. *RTPS - Revista Trabalho, Política e Sociedade*, v. 4, n. 6, p. 69-84, 30 jun. 2019.

MACHADO, L. M. M; SCHONS, A. S.; DOURADO, L. C. S. M. A construção da sororidade nos discursos da Revista Azmina. *Revista Latino-americana de Jornalismo*, João Pessoa, v. 6, n. 2, p.229-257, jul.-dez. 2019.

SAFFIOTI, H. I. B. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

SINGER, A. Politização da vacina contra covid-19 é estratégia para eleições presidenciais. *Rádio USP*, São Paulo, 10 dez. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/politizacao-da-vacina-contracovid-19-e-estrategia-para-eleicoes-presidenciais/>. Acesso em: 05 mar. 2021.

THOMPSON, J. B. A nova visibilidade. *Matrizes*, ECA-USP, n. 2, p. 15-38, 2008. Disponível em: <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/82/124>. Acesso em: 15 jul. 2016.



ONU. *Vozes das mulheres nas linhas de frente da covid-19*. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/vozes-das-mulheres-nas-linhas-de-frente-da-covid-19/>. Acesso em: 20 jan. 2021.

Links dos sites das imagens:

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA,. Primeiras vacinas contra a Covid-19 são aplicadas na Bahia, *Secretaria de Saúde*, 19 jan. 2021. Disponível em: <http://www.saude.ba.gov.br/2021/01/19/primeiras-vacinas-contr-a-covid-19-sao-aplicadas-na-bahia/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. Home. *Secretaria de Saúde*, 20 jan. 2021. Disponível em : <https://www.ceara.gov.br/?p=131314>. Acesso em: 25 fev. 2021.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo inicia vacinação contra Covid-19. *Sala de Imprensa*, 18 jan. 2021. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/sala-de-imprensa/release/sao-paulo-inicia-vacinacao-contr-a-covid-19/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

PREFEITURA DE FORTALEZA. Fortaleza inicia a vacinação contra o coronavírus, *Secom*, 18 jan. 2021. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/fortaleza-inicia-a-vacinacao-contr-a-coronavirus>. Acesso em: 25 fev. 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO. Vacinação no Rio tem início em cerimônia no Cristo. *Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro*, 18 jan. 2021. Disponível em: <https://prefeitura.rio/saude/prefeitura-inicia-vacinacao-em-cerimonia-no-cristo-redentor/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO. Capital inicia vacinação contra Covid-19. *Secretaria de Comunicação*, 19 jan. 2021. Disponível



em:

<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/noticias/?p=307561>. Acesso em: 25 fev. 2021.

SECRETARIA DE SAÚDE ESTADUAL DE PERNAMBUCO. Conheça Perpétua do Socorro, a primeira pessoa vacinada contra a Covid-19 em Pernambuco. *PE contra o Coronavírus*, 18 jan. 2021. Disponível em: <https://www.pecontracoronavirus.pe.gov.br/noticias/page/92/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE. Prefeitura amplia número de vacinados em primeiro dia de campanha, *Prefeitura de Salvador*, 20 jan. 2021. Disponível em: <http://www.saude.salvador.ba.gov.br/prefeitura-amplia-numero-de-vacinados-em-primeiro-dia-de-campanha/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DO RECIFE. Recifense moradora do Ibura é a primeira pessoa a se vacinar em Pernambuco. *Prefeitura do Recife*, 19 jan. 2021. Disponível em: <https://www2.recife.pe.gov.br/noticias/19/01/2021/recifense-moradora-do-ibura-e-primeira-pessoa-se-vacinar-em-pernambuco>. Acesso em: 25 fev. 2021.

SECRETARIA ESTADUAL DE SAÚDE DO RIO DE JANEIRO. *Home. Secom*, 18 jan. 2021. Disponível em: <https://www.saude.rj.gov.br/>. Acesso em: 25 fev. 2021.



The woman as a “visible subject” in the initial act of vaccination against Covid-19: governmental communication strategies and the contradictions of the State in relation to security

ABSTRACT: The study aims to analyze the symbolic valences on government websites in five states during initial acts of vaccination against Covid-19, with women being the central figure. These places had the highest rates of femicide in the last 11 years, which leads us to discuss the contradictions between the staged world and the real world. Under the anchoring of Greimas' semiotics, we perceive the female representation as a “fragile” social subject, with the State being the “Father-Provider”, in contrast to data that show an “absent state”.

KEYWORDS: Media Visibility. Pandemic. Semiotics. Intersectionality.

Pedro FARNESE

Universidade Paulista / IF Sudeste MG

Janete Monteiro GARCIA

Universidade Paulista (Unip)

Carla MONTUORI

Universidade Paulista (Unip)

Paolo DEMURU

Universidade Paulista (Unip).

Recebido em: 24/01/2023

Aprovado em: 18/11/2023